

A TRADUÇÃO DE LIVRO INFANTIL: EXPLORANDO O ESPAÇO SUB-ROGADO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE TILS¹



Thiago William Teles Rossi²
Sabrina Bittencourt Alves Sobral²
Thuanny Sá Galdino²
Neiva de Aquino Albres³

Introdução

Tradicionalmente define-se literatura infantil como o que para elas [Crianças] se escreve. Mas, Cecília Meireles (1984) amplia essa visão, considerando ser o “que elas lêem com utilidade e prazer”. Historicamente esse gênero está ligado à questão pedagógica e à função de transmissão de valores às crianças.

No campo dos estudos da tradução, discute-se a necessidade de adaptações e adequações para o público alvo, abordagem esta centrando o estudo do texto traduzido na cultura de chegada (*target-oriented*), nas necessidades da cultura de chegada e o foco no público alvo vai determinar as opções do tradutor (BASSNETT, 2003). A abordagem pós-estruturalista enunciativo-discursiva vai considerar os aspectos histórico-culturais dos leitores (audiência) do texto e o papel ativo do tradutor como um leitor que interpreta o texto e como autor da tradução (SILVA, 2011).

Quando da tradução de texto de literatura infantil de língua portuguesa para a língua de sinais, desenvolvemos um processo de tradução de uma língua de modalidade de oral para uma língua de modalidade gestual visual. As especificidades da tradução de literatura infanto-juvenil (vídeolivro multimodal) devem ser consideradas, sendo que as ilustrações dos livros também compõem o texto a ser traduzido e influenciam a produção da enunciação/tradução na língua de chegada (ALBRES, 2012).

Devemos considerar que o gênero narrativo em Libras requer a exploração de aspectos específicos linguísticos e discursivos, por exemplo, quando da análise de contação de histórias por adultos surdos (LEBEDEFF, 2002, 2005; LEBEDEFF et al. , 2005) ou quando de análise de traduções de histórias para a Libras (RAMOS, 2000).

Neste trabalho, interessa-nos abordar, dentre as estratégias adotadas pelos tradutores, em que situações são utilizadas a incorporação de personagens na história “Vira Lata”.

¹ Trabalho submetido ao eixo temático Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Florianópolis - SC: UFSC. 12 a 14 de novembro de 2014.

² Graduando(a) em Letras Libras - UFSC, participante da pesquisa “Prática pedagógica para Formação e Atuação de intérprete de língua de sinais”

³ Doutora, Professora do curso Letras Libras – UFSC, coordenadora desta pesquisa.

Referencial teórico

As línguas de sinais são objetos de estudo recente no âmbito linguístico. Desta forma, tem-se evidenciado elementos expressivos que demonstram a estruturação dessa língua. Trata-se de uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza o espaço locativo para referenciar as entidades em determinados discursos (BARBOSA, 2011).

Essa organização espacial acontece em conjunto com elementos linguísticos (sinais) e gestuais compostos pelos “movimentos de tronco, cabeça, direcionalidade do olhar, apontamentos e localização de alguns sinais em lugares não protótipicos” (BARBOSA, 2013, p.40), ou seja, que são diferentes daqueles estabelecidos como espaço padrão de produção do sinal.

Com relação a localidades, Liddell (2003 apud BARBOSA 2013), aponta que nos discursos em língua de sinais americana (ASL) a espacialidade tem papel fundamental e da importância de elementos gestuais para a construção dessa espacialidade.

Por meio desta organização espacial e conceitual, Barbosa (2013) define os espaços mentais, como pequenos “pacotes” conceituais, que contribuem com a organização do entendimento da ação narrada e dos espaços estabelecidos nela. A criação desses espaços mentais se dá pelo uso da língua, estes espaços mentais estabelecem a própria organização do discurso.

Barbosa (2013) considera que na construção de uma narrativa é importante ressaltar que tratamos, com dois espaços mentais. O espaço real resultante da conceitualização do espaço físico em que acontece a fala, compartilhada assim, pelos participantes do evento. O Outro espaço compreendido é o espaço do evento, decorrente da conceitualização do acontecimento a ser contado. Nesse evento constam elementos, como: “cenários, personagens, objetos, ações. As narrativas sinalizadas são construídas através da integração entre partes do espaço real e partes do espaço do evento” (BARBOSA, 2013, p.41), transformando-se em vários tipos de espaços mentais integrados.

Moreira (2007) pondera que os espaços mentais integrados podem ser descritos a partir da seguinte diferença: Espaço mental real, Espaço mental *token* e Espaço mental *sub-rogado*. O **espaço mental real** é um espaço proveniente da nossa experiência com o mundo externo e a sinalização se dá pelos espaços físicos visíveis no ponto de vista do sinalizador. O **espaço mental token** é um espaço integrado, “em que as entidades das quais se quer falar são representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. As entidades *tokens* são invisíveis (apenas pontos associados a alguma representação mental)” (MOREIRA, 2007, p.47). O **espaço mental sub-rogado** ocorre quando o sinalizador assume o papel de qualquer participante da situação narrada e sinaliza como se fosse ele, o que geralmente é denominado de incorporação. Essas entidades criadas pelo sinalizador são entidades sub-rogadas, ou seja, são representações

mentais em tamanho natural, que assumem posições realistas, por serem incorporadas pelo próprio sinalizador (ALBRES, 2012). Neste último, focaremos a nossa pesquisa.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de natureza analítico-descritiva da tradução do livro “Vira Lata”, publicado pela editora Brinque Book no Brasil e faz parte de uma pesquisa sobre formação de intérpretes

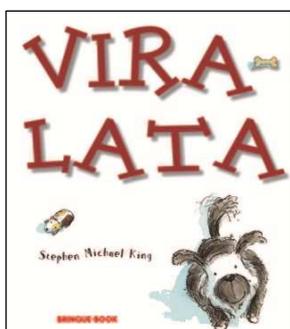


Figura 1: Capa do livro “Vira lata”

de Libras. A tradução foi desenvolvida por estudantes de tradução Libras/Português sob orientação em atividade pedagógica em curso de graduação em Letras/Libras. A atividade foi desenvolvida, envolvendo (i) a leitura do material na língua portuguesa (língua de partida) e (ii) a discussão coletiva sobre a construção de sentidos e as possibilidades de expressão em língua de sinais (língua de chegada). A história “Vira Lata” traduzida é de autoria de Stephen Michael King, uma história infantil que conta sobre um cachorro de rua que passa por muitos

desafios para sobreviver. Esta pesquisa foi motivada por duas questões: Elementos multimodais dos livros influenciam a enunciação do tradutor? Que elementos de incorporação (espaço mental sub-rogado) marcam a enunciação do tradutor? Trabalhamos com a categoria de análise – **“Espaço sub-rogado e uso de traços de sinais pelo tradutor para o processo de geração de sentidos”**. Uma vez estabelecido o recorte para a pesquisa, iniciou-se o processo de coleta manual e inclusão em banco de dados de todos os episódios em que ocorreu o fenômeno de incorporação. De um total de 26 páginas do livro, obteve-se ao fim dessa coleta, um total de 29 ocorrências, nas quais se incluem também as repetições dos traços para um mesmo personagem, pois elas são necessárias para que se verifique se os tradutores aprendizes utilizaram as mesmas estratégias para um mesmo referente.

As etapas foram as seguintes: a) extração de todas as enunciações que indicassem incorporação em potencial; b) indicação do número da página do livro; c) classificação da categoria da incorporação (personagem, objeto, etc); d) extração dos termos correspondentes na tradução; e) classificação da estratégia usada pelo tradutor. As cinco etapas foram aplicadas em todo o livro. Assim, uma vez terminado, os processos de incorporação selecionados foram incluídos em uma tabela, devidamente classificados conforme a ordem apresentada abaixo (tabela 1):

ESPAÇO SUB-ROGADO	PÁGINAS																TOTAL	
	capa	4	5	6	7	8	9	12	13	14	15	16	20	24	25	30		31
Cachorro																		14
Passarinho	23																	1
Personagens humanos	6	9	14	15	16	17	19	21	23	24	25							13

Espaço sub-rogado e uso de traços de sinais pelo tradutor para o processo de geração de sentidos.

Dentre os trechos traduzidos selecionamos os que os tradutores incorporam o cachorro (principal personagem da história) para realização da análise.

Episódio 1: Cachorro faminto



Figura 2: página 7 do livro

Na página 7 do livro, é ilustrado o cachorro próximo a um latão de lixo em uma praça, logo em seguida o mesmo cachorro perseguindo uma mosca. O texto apresentado nesta página é o seguinte: “*Ele comia qualquer coisa que encontrava*” (figura 2).

A enunciação realizada pela tradutora faz referência inicialmente ao cachorro (sub-rogado) que anda sentindo fome (F1 e F2), com as mãos fechadas na configuração de mão em “S” representando o traço do sinal (patas), direciona as mãos com esta configuração para a barriga, como se o próprio cachorro dissesse que está com fome (F2).

Português	“Ele comia qualquer coisa que encontrava”									
Libras										
Ilustração										

Tabela 2: Esquema de comparação português e Libras

Apesar de o texto do livro ser exclusivamente narrado pelo escritor, a tradutora fez opção por mesclar a expressão de personagens com a narração. A transição entre personagem (cachorro) e narrador fica evidente entre a F2-3. O espaço mental sub-rogado do cachorro dizendo que está com fome (F2) é desfeito, pois no sinal seguinte a tradutora, como narradora, expressa o sinal “LIXO” (F3). Voltando a ser o cachorro quando pega a borda do lixo e sobe nela (F4) ao mesmo tempo em que come algo (F5).

Constatamos que a tradutora foi motivada pela ilustração do livro e pelo texto. Mesclando estas duas informações e pensando no interlocutor do material (criança surda), contrói sua enunciação em Libras, explorando intensamente o espaço sub-rogado.

Fica evidente o uso do espaço sub-rogado pela incorporação do personagem (cachorro) ou semi-incorporações (parte do corpo do cachorro - pata). Estas formas de sinalização

[...] são resultantes da integração conceitual entre o corpo ou partes do corpo do sinalizador e entidades pertencentes ao espaço fictício do evento. Com isso, o sinalizador pode fazer referência as personagens da história e representar suas ações e atitudes por meio de posturas corporais, expressões faciais, movimentos do tronco, da cabeça, etc. (BARBOSA, 2013, p. 17).

O espaço fictício do evento motivador e trazido na ilustração do livro foi a praça, o lixo como elemento referente do espaço marca e conduz todo o processo de sinalização seguinte a delimitação deste objeto (lixo) (F4 e F5).

Na segunda cena, a ilustração do livro apresenta o cachorro perseguindo uma mosca. A tradutora realiza novamente o processo de incorporação do animal (F7 e F8). Além do personagem, a criação de um espaço sub-rogado implica a construção de outros elementos como o cenário em que tudo acontece. Podemos considerar que por se tratar de uma tradução multimodal, as escolhas feitas pelo tradutor sobre o espaço que ocorre a história é determinado pela ilustração do livro que contribui efetivamente para a construção de sentido do leitor/interlocutor.

Episódio 2: Cachorro com frio

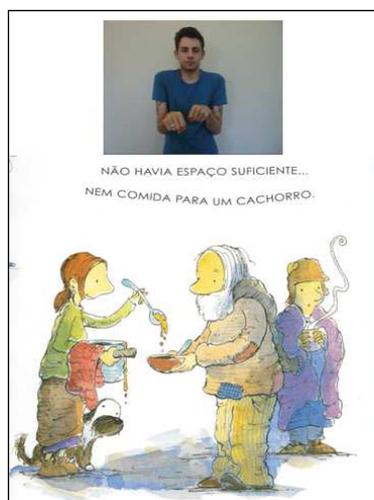


Figura 3: página 15 do livro

No texto do livro “*Não havia espaço suficiente... nem comida para um cachorro*” (página 15) composto pela ilustração de uma moça servindo sopa aos desabrigados tendo aos seus pés um cachorro olhando em direção à panela em suas mãos, o tradutor escolheu realizar a incorporação do animal na enunciação em Libras e a incorporação da moça (figura 3).

Apesar de no texto escrito não haver referência ao discurso direto, o tradutor utilizou da incorporação do animal, explorando a configuração de mão padrão para representar o cachorro, configuração de mão em “S” (F1, F2, F3 e F4). Concomitante a isso o movimento corporal e expressão facial complementam a noção de não haver “espaço suficiente” (F2) indicado em português, explorando o movimento de encolher os ombros (F1, F2, F3 e F4). O traço manual na mão esquerda (F2) indica que a enunciação é do cachorro, como se ele estivesse dizendo que o albergue está lotado.

Português	“Não havia espaço suficiente...”	... nem comida para um cachorro”
Libras	<p>F1 CAHORRO-ANDAR F2 APERTADO F3 CAHORRO-ANDAR F4 OLHAR FAMINTO</p>	<p>F5 SERVIR-NÃO</p>

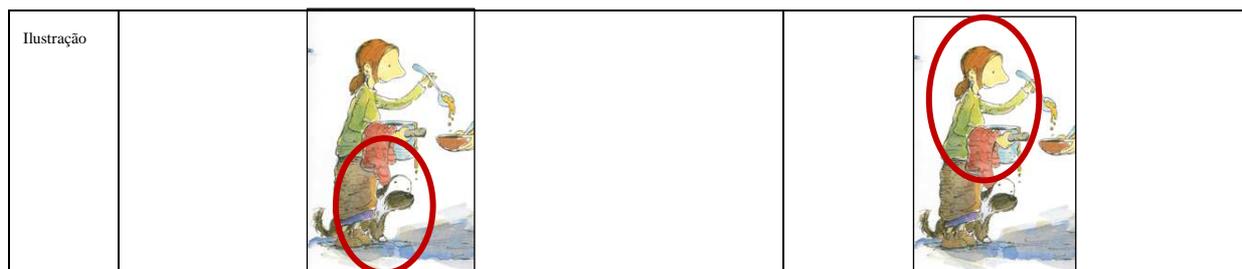


Tabela 3: Esquema de comparação português e Libras

Logo em seguida, o tradutor incorpora outro personagem (moça). A produção manual refere-se ao sinal /SERVIR-NÃO/ (F5). Esta enunciação /SERVIR-NÃO/ é a tradução para o texto em português “... *nem comida para um cachorro*”. O texto expressa não haver comida, e usando do espaço sub-rogado (moça) o tradutor explora e produz em discurso direto. Este entendimento se dá pelos elementos faciais, como, por exemplo, a direção do olhar para baixo, conduzindo a interpretação de que se refere à moça olhando para o cachorro que está aos seus pés, pois foi assim apresentado na ilustração do livro. Como se a moça dissesse ao cachorro “não vou servir a comida para você”. No processo de construção de narrativas em Libras “os elementos do sub-rogado podem ser visíveis (quando realizados pelo corpo do narrador) ou invisíveis (se realizados a partir do direcionamento do olhar ou sinais do narrador)” (BOLGUERONI e VIOTTI, 2013, p. 23), dependendo da estratégia definida pelo narrador. No episódio analisado, o tradutor explora essencialmente a direção do olhar, um elemento sub-rogado invisível.

O espaço mental sub-rogado fica evidente na tradução, pois “por meio desse espaço mental, o narrador [tradutor] pode fazer referência às personagens da história e representar suas ações e atitudes valendo-se de diferentes posturas corporais, expressões faciais, movimentos do tronco, da cabeça etc.” (BOLGUERONI, 2013, p.23)

Consideramos que, além da motivação da enunciação em Libras feita pelo tradutor ser do texto em português, a ilustração do livro (figuras 3) conduz o tradutor para escolher incorporar o cachorro. Ao invés de dizer como narrador que o espaço estava lotado, ele fez opção por enunciar tal fato como se fosse o cachorro. Esta escolha dramatiza ainda mais a situação do cachorro que não tinha teto e não era aceito em diferentes espaços da história narrada.

Conclusão

No texto analisado, foram utilizados diversos recursos para melhor traduzir um livro infanto-juvenil. Constatamos que os elementos do livro (fala e ilustrações dos personagens, objetos, ações) influenciaram a enunciação do tradutor, indispensáveis para entender o processo no discurso sinalizado.

A tradução pesquisada contribuiu para a compreensão de que a tradução ocorreu em grande parte, pela integração dos espaços mentais. Assim, os espaços são essenciais no ato de incorporar a enunciação em Libras pelo tradutor. A partir da integração dos espaços mentais, o espaço

mental sub-rogado esteve significativamente presente na maioria das estratégias de tradução, como foi apresentado nesse trabalho. Pontuamos que deve-se compreender o ato de traduzir em sua totalidade, respeitando a forma de como interpretar e recriar esta obra literária infantil utilizando os elementos multimodais, essenciais para diversificar o repertório das crianças surdas. A partir das traduções realizadas, reafirma-se a importância dos tradutores instrumentalizarem-se no estudo aprofundado do português e da Libras, reconhecendo assim, seus elementos linguísticos e gestuais.

Concluimos que não existe apenas a preocupação de realizar a tradução de um texto, mas existe a preocupação de também incluir detalhes visuais que dramatizem de forma real o que está sendo contado em uma narrativa, utilizando recursos que enfatizem o entendimento entre língua e gesto no discurso sinalizado.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infantil: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. In: **III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012.

BARBOSA, Thaís Bolgueroni. Processo de referenciação na Libras: um estudo de narrativa. **14ª edição do ENAPOL** (Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística). São Paulo: USP. 14, 15 e 16 de junho de 2011.

_____. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)**. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06052013-112529/pt-br.php>

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo.

BOLGUERONI, Thais; VIOTTI, Evani. Referência nominal em língua de sinais brasileira (Libras). **Todas as Letras**: revista de língua e literatura / Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, fev. 2013.

KING, Stephen Michael. **Vira lata**. Tradução Gilda Aquino. São Paulo: Brinque Book, 2004.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda. In: ORMEZZANO, Graciela; BARBOSA, Márcia (org.). **Questões de Intertextualidade**. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 179-188.

_____. **Análise do reconto de histórias em língua de sinais e escritas por pessoas surdas**. Doutorado em Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. 2002.

LEBEDEFF, Tatiana. B. ; GUEDES, Sussi Abel Menine; SOUZA, Tatiane de ; ASSIS, Giovana Aparecida de. Quem conta um conto aumenta vários pontos: uma discussão sobre a importância e a arte de contar histórias para o desenvolvimento de crianças surdas. **Ponto de Vista** (UFSC), Florianópolis-SC, v. 6/7, n.6/7, p. 97-105, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Cidade: Nova Fronteira. Brasil. 1984.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e Dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. UFPE: Recife, 2011.